

O Livro de Urântia

<< [Documento 75](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 77](#) >>

Documento 76

O Segundo Jardim

76:0.1 (847.1) QUANDO, sem opor resistência, Adão escolheu deixar o primeiro Jardim entregue aos noditas, ele e os seus seguidores não podiam ir para o oeste, pois os edenitas não tinham barcos adequados para tal aventura marinha. Não podiam ir para o norte, porque os noditas do norte estavam já em marcha na direção do Éden. Temiam ir para o sul, posto que as colinas daquela região estavam infestadas de tribos hostis. O único caminho aberto era o do leste e, assim, foram nessa direção para as então agradáveis regiões entre os rios Tigre e Eufrates. E muitos daqueles que foram deixados para trás, mais tarde viajaram para o leste a fim de juntarem-se aos adamitas no vale que seria o seu novo lar.

76:0.2 (847.2) Caim e Sansa nasceram, ambos, antes que a caravana Adâmica tivesse alcançado o seu destino, entre os rios na Mesopotâmia. Laotta, a mãe de Sansa, morreu no nascimento da sua filha; Eva sofreu muito, mas sobreviveu, devido à sua força superior. Eva amamentou Sansa, a criança de Laotta, a qual foi criada junto

com Caim. Sansa cresceu e transformou-se em uma mulher de grande capacidade. Tornou-se a mulher de Sargan, o chefe das raças azuis do norte; e contribuiu para o avanço dos homens azuis daqueles tempos.

1. Os Edenitas Entram na Mesopotâmia

76:1.1 (847.3) Quase um ano inteiro foi necessário para que a caravana de Adão alcançasse o rio Eufrates. Encontrando-o na época de enchente, permaneceram acampados nas planícies a oeste da água corrente, durante quase seis semanas, até tomarem o caminho da terra, entre os rios, que se transformaria no segundo jardim.

76:1.2 (847.4) Quando chegou a notícia aos habitantes originais da terra do segundo jardim, de que o rei e alto sacerdote do Jardim do Éden estava marchando na direção deles, estes fugiram apressados para as montanhas do leste. Adão encontrou todo o território desejado vago, quando chegou. E ali, nessa nova localização, Adão e os seus colaboradores estabeleceram-se para trabalhar na construção de novas casas e estabelecer um novo centro de cultura e religião.

76:1.3 (847.5) Esse local era conhecido de Adão como uma das três opções originais do comitê designado para escolher as localizações possíveis, para o Jardim, propostas por Van e Amadon. Os dois rios, em si mesmos, eram uma boa defesa natural naqueles dias, e a uma pequena distância para o norte, do segundo jardim, o Eufrates e o Tigre aproximavam-se de tal modo que um muro de defesa,

estendendo-se por noventa quilômetros, poderia ser construído para proteger o território ao sul, entre os rios.

76:1.4 (847.6) Após instalarem-se no novo Éden, tornou-se necessário adotar métodos rudimentares de vida; parecia inteiramente verdadeiro que a terra houvesse sido amaldiçoada. A natureza, uma vez mais, seguia livre o seu curso. E agora os adamitas seriam compelidos a arrancar a subsistência do solo despreparado e enfrentar as realidades da vida, em meio às hostilidades e incompatibilidades naturais da existência mortal. Eles encontraram o primeiro Jardim parcialmente preparado para esperá-los, mas o segundo tinha de ser criado pelo trabalho das suas próprias mãos e com o “suor dos seus rostos”.

2. Caim e Abel

76:2.1 (848.1) Menos de dois anos depois do nascimento de Caim, nasceu Abel, o primeiro filho de Adão e Eva a nascer no segundo jardim. Quando Abel chegou à idade de doze anos, escolheu ser um pastor; Caim havia escolhido seguir a agricultura.

76:2.2 (848.2) Ora, naqueles dias, era costume fazer-se, aos sacerdotes, oferendas das coisas disponíveis. Os pastores dariam dos seus rebanhos; os agricultores, dos frutos dos campos; e, de acordo com esse costume, Caim e Abel também faziam oferendas periódicas aos sacerdotes. Os dois meninos, por muitas vezes, haviam debatido

sobre os méritos relativos das suas vocações, e Abel não demorou a perceber a preferência que era dada aos seus sacrifícios de animais. Em vão, Caim apelou para as tradições do primeiro Éden, para a preferência anterior dada aos frutos dos campos. Mas Abel não admitia isso, e escarnecia do desapontamento do irmão mais velho.

76:2.3 (848.3) Nos dias do primeiro Éden, de fato, Adão havia tentado desencorajar as oferendas com sacrifícios animais, de modo que Caim tinha um precedente a justificar os seus argumentos. Foi difícil, contudo, organizar a vida religiosa do segundo Éden. Adão estava sobrecarregado com mil e um detalhes ligados ao trabalho de construção, defesa e agricultura. Estando muito deprimido espiritualmente, ele confiou a organização da adoração e da educação àqueles que, sendo de origem nodita, haviam servido nessas funções no primeiro Jardim; e, mesmo depois de um tempo tão curto, os sacerdotes noditas que oficiavam estavam voltando aos padrões e regras dos tempos pré-Adâmicos.

76:2.4 (848.4) Os dois garotos nunca se deram muito bem, e essa questão dos sacrifícios contribuiu mais ainda para que entre eles crescesse um certo ódio. Abel sabia que era filho de Adão e Eva, e nunca deixara de ressaltar, perante Caim, que Adão não era o pai dele. Caim não era de raça violeta pura, pois o seu pai era da raça nodita, também misturada à linhagem azul e vermelha e ao sangue andônico aborígene. E, tudo isso, e mais a herança belicosa de Caim levaram-no a nutrir um ódio sempre crescente pelo seu irmão mais jovem.

76:2.5 (848.5) Os rapazes tinham respectivamente dezoito e vinte anos de idade, quando a tensão entre eles foi finalmente resolvida; um dia, os sarcasmos de Abel enfureceram tanto o seu belicoso irmão, que Caim chegou a ponto de deixar a sua ira fazê-lo voltar-se contra o irmão, matando-o.

76:2.6 (848.6) Uma observação da conduta de Abel estabelece o valor do meio ambiente e da educação como fatores do desenvolvimento do caráter. Abel tinha uma herança ideal, e a hereditariedade forma a base de todo o caráter; mas a influência de um ambiente inferior virtualmente neutralizou essa herança magnífica. Abel, especialmente durante os seus anos mais tenros, foi muito influenciado pelo meio ambiente desfavorável. E ter-se-ia tornado uma pessoa inteiramente diferente, caso tivesse vivido até os vinte e cinco ou trinta anos; a sua herança superior ter-se-ia então evidenciado. Conquanto um bom ambiente possa não contribuir muito para realmente superar os defeitos do caráter de uma hereditariedade vil, um mau ambiente pode muito efetivamente estragar uma hereditariedade excelente, ao menos durante os primeiros anos da vida. O bom ambiente social e a educação adequada são um solo e uma atmosfera indispensáveis, para se obter o máximo de uma boa herança.

76:2.7 (849.1) Da morte de Abel, os seus pais ficaram sabendo quando os seus cachorros trouxeram o rebanho para casa sem o amo. Para Adão e Eva, Caim estava-se convertendo na sombria lembrança da sua loucura, e eles o encorajaram na sua decisão de deixar o jardim.

76:2.8 (849.2)

A vida de Caim na Mesopotâmia não foi exatamente feliz, pois, de um modo bastante singular, ele tornara-se o símbolo da falta Adâmica. Não que os seus companheiros fossem indelicados com ele, mas ele não era inconsciente do ressentimento de todos com a sua presença. Mas, como não trazia uma marca tribal, Caim sabia que seria morto pela primeira tribo vizinha que tivesse a chance de encontrá-lo. O medo e algum remorso levaram-no ao arrependimento. Caim nunca havia sido habitado por um Ajustador, havia desafiado sempre a disciplina da família e tratara sempre a religião do seu pai com desdém. Mas agora chegava até Eva, a sua mãe, e pedia a ajuda espiritual e os seus guiaamentos, e, quando buscou honestamente a assistência divina, um Ajustador veio para residir nele. E esse Ajustador, que residiu nele e que olhava para fora, deu a Caim uma vantagem evidente de superioridade que o colocou na categoria da muito temida tribo de Adão.

76:2.9 (849.3)

E, então, Caim partiu para a terra de Nod, a leste do segundo Éden. Tornou-se um grande líder de um grupo do povo do seu pai e, em uma certa medida, cumpriu as predições de Serapatátia, pois promoveu a paz dentro dessa divisão entre os noditas e os adamitas, durante o período da sua vida. Caim casou-se com Remona, prima distante sua, e o primeiro filho deles, Enoch, tornou-se o chefe dos noditas elamitas. E, durante centenas de anos, os elamitas e os adamitas continuaram vivendo em paz.

3. A Vida na Mesopotâmia

76:3.1 (849.4)

À medida que o tempo passava, evidenciavam-se, no segundo jardim, cada vez mais as conseqüências da sua falta; e Adão e Eva sentiam muita saudade do seu lar anterior de beleza e de tranqüilidade, bem como dos seus filhos que haviam sido deportados para Edêntia. Era, de fato, patético observar esse casal magnífico reduzido ao status da carne comum do reino; mas eles suportaram com graça e coragem aquela diminuição no seu status.

76:3.2 (849.5)

Adão sabiamente passava a maior parte do tempo ensinando aos seus filhos e companheiros a administração civil, métodos educacionais e devoções religiosas. Não fora essa previdência sua, e um pandemônio haveria irrompido, quando da sua morte. E desse modo, a morte de Adão só em muito pouco afetou a condução dos assuntos do seu povo. Contudo, muito antes de Adão e Eva morrerem, eles reconheceram que os seus filhos e os seus seguidores haviam gradualmente aprendido a esquecer os dias da sua glória no Éden. E, para a maioria dos seus seguidores, foi melhor que houvessem esquecido a grandeza do Éden, pois assim eles teriam menos possibilidades de sentir um descontentamento injustificado com o seu meio ambiente menos favorecido.

76:3.3 (849.6)

Os governantes civis dos adamitas saíram hereditariamente dos filhos do primeiro jardim. O primeiro filho de Adão, Adamson (Adão ben Adão), fundou um centro secundário da raça violeta, ao norte do segundo Éden. O segundo filho de Adão, Evason, tornou-se um dirigente e um administrador magistral; foi um grande colaborador do seu pai. Evason não viveu tanto tempo

quanto Adão, e o seu filho mais velho, Jansad, foi o sucessor de Adão na chefia das tribos adamitas.

76:3.4 (849.7) Os governantes religiosos, ou o sacerdócio, originaram-se de Set, o filho sobrevivente mais velho de Adão e Eva, nascido no segundo jardim. Ele nasceu cento e vinte e nove anos depois da chegada de Adão em Urântia. Set ficou absorvido pelo trabalho de aperfeiçoar o status espiritual do povo do seu pai, tornando-se o dirigente do novo sacerdócio do segundo jardim. O seu filho, Enos, fundou a nova ordem de adoração, e o seu neto, Kenan, instituiu o serviço exterior de missionários para as tribos vizinhas, próximas e distantes.

76:3.5 (850.1) O sacerdócio setita foi uma missão tríplice, abrangendo religião, saúde e educação. Os sacerdotes dessa ordem eram treinados para officiar em cerimônias religiosas, para servir como médicos, inspetores sanitários e professores nas escolas do jardim.

76:3.6 (850.2) A caravana de Adão trouxera consigo, para a terra entre os rios, as sementes e os bulbos de centenas de plantas e cereais do primeiro Jardim; e, também, havia trazido consigo vastos rebanhos e alguns animais domesticados. E por isso, tiveram grandes vantagens sobre as tribos vizinhas. Desfrutavam de muitos dos benefícios da cultura anterior, do Jardim original.

76:3.7 (850.3) Até a época em que deixaram o primeiro Jardim, Adão e a sua família haviam sobrevivido sempre comendo frutas, cereais e nozes. A caminho da Mesopotâmia, pela primeira vez, haviam

comido ervas e hortaliças. Logo se introduziu a prática de se comer carne, no segundo jardim, mas Adão e Eva nunca comeram carne como parte da sua dieta regular. E também Adamson e Evason, bem como os outros filhos da primeira geração do primeiro Jardim, nunca se tornaram carnívoros.

76:3.8 (850.4) Os adamitas superavam, em muito, os povos vizinhos nas realizações culturais e desenvolvimento intelectual. Criaram um terceiro alfabeto e, de outras formas, lançaram as fundações de grande parte das coisas que foram as precursoras da arte moderna, da ciência e da literatura. Nas terras entre o Tigre e o Eufrates, eles mantiveram as artes da escrita, os trabalhos em metal, a cerâmica, a tecelagem e produziram um tipo de arquitetura que não chegou a ser superada durante milhares de anos.

76:3.9 (850.5) A vida no lar dos povos violetas era a ideal, para a sua época e idade. As crianças eram submetidas a cursos de aperfeiçoamento na agricultura, no artesanato e na criação de animais, ou então eram educadas para desempenharem os deveres tríplices de um setita: ser um sacerdote, um médico e um professor.

76:3.10 (850.6) E, ao pensardes no sacerdócio setita, não deveis confundir esses mestres da saúde e da religião, de mente elevada e nobre, de verdadeiros educadores, com os sacerdócios adulterados e comercializados das tribos posteriores e das nações vizinhas. Os conceitos religiosos de Deidade e do universo que eles possuíam eram avançados e razoavelmente precisos, as suas regras de saúde

eram excelentes para a sua época e os seus métodos de educação jamais foram superados.

4. A Raça Violeta

76:4.1 (850.7) Adão e Eva, os fundadores da raça violeta de homens, formaram a nona raça humana a aparecer em Urântia. Adão e a sua progênie tinham olhos azuis e os povos violetas eram caracterizados pela pele clara e as cores claras de cabelos — amarelo, ruivo e castanho.

76:4.2 (850.8) Eva não sofria de dor durante o parto; nem a sentiam as raças evolucionárias primitivas. Apenas as raças misturadas, produzidas pela união do homem evolucionário com os noditas e, mais tarde, com os adamitas, é que passaram a sofrer as dores violentas do nascimento dos bebês.

76:4.3 (851.1) Adão e Eva, tanto quanto os seus irmãos em Jerusém, eram energizados por uma nutrição dual, subsistindo tanto do alimento quanto da luz, suplementados por certas energias suprafísicas, não reveladas em Urântia. A sua progênie de Urântia não herdou o dom de absorver a energia, nem o da circulação da luz. Eles tinham uma única circulação, o tipo humano de sustentação pelo sangue. E eram mortais por natureza, mas, ainda que tivessem vidas de longa duração, a longevidade teve a tendência de assumir a normalidade humana, em cada geração que se sucedeu.

76:4.4 (851.2)

Adão e Eva e a sua primeira geração de filhos não usavam a carne de animais como alimento. Eles subsistiam integralmente dos “frutos das árvores”. Depois da primeira geração, todos os descendentes de Adão começaram a comer os produtos do leite, mas muitos deles continuaram a seguir uma dieta sem carne. Muitas das tribos do sul, às quais se uniram posteriormente, também não comiam carne. Mais tarde, a maior parte dessas tribos vegetarianas migrou para o leste e sobreviveu tal como estão todas agora, miscigenadas com os povos da Índia.

76:4.5 (851.3)

Tanto a visão física quanto a espiritual de Adão e Eva eram muito superiores àquelas dos povos atuais. Os seus sentidos especiais eram muito mais aguçados; sendo capazes de ver as criaturas intermediárias e as hostes angélicas, os Melquisedeqes e Caligástia, o Príncipe caído, que muitas vezes veio conversar com o seu nobre sucessor. Eles mantiveram essa capacidade de ver os seres celestes por mais de cem anos, depois da falta. Esses sentidos especiais não estavam assim tão agudamente presentes nos seus filhos e tendiam a diminuir a cada geração que se sucedia.

76:4.6 (851.4)

Os filhos Adâmicos geralmente eram resididos por Ajustadores, pois todos eles possuíam uma capacidade indubitável de sobrevivência após a morte. Essa progênie superior não era tão sujeita ao medo quanto o são as crianças provindas da evolução. O temor ainda perdura nas raças atuais de Urântia, porque os vossos ancestrais receberam pouquíssimo do plasma vital de Adão, devido ao desvio prematuro dos planos para a elevação física racial.

76:4.7 (851.5)

As células do corpo dos Filhos Materiais e da sua progênie são muito mais resistentes à doença do que as dos seres evolucionários naturais do planeta. As células do corpo, nas raças nativas, são afins daquelas dos organismos microscópicos e ultramicroscópicos causadores das doenças do reino. Esses fatos explicam por que os povos de Urântia têm de fazer tanto, por meio de esforços científicos, para resistir às inúmeras desordens físicas. Vós sêeis muito mais resistentes às doenças, se as vossas raças carregassem em si mais do plasma da vida Adâmica.

76:4.8 (851.6)

Depois de se estabelecerem no segundo jardim, no Eufrates, Adão optou por deixar atrás de si o máximo possível do seu plasma de vida, para beneficiar o mundo depois da sua morte. E, desse modo, Eva tornou-se a chefe de uma comissão de doze, para o aperfeiçoamento da raça, e, antes de Adão morrer, essa comissão havia selecionado 1 682 exemplares do tipo mais elevado de mulheres de Urântia, sendo essas mulheres impregnadas com o plasma da vida Adâmica. Os seus filhos, todos, cresceram até a maturidade, exceto 112 deles, e o mundo, desse modo, foi beneficiado pelo acréscimo de 1 570 homens e mulheres superiores. Embora essas candidatas a mãe houvessem sido escolhidas de todas as tribos vizinhas e representassem a maioria das raças da Terra, a maioria foi escolhida da linhagem mais elevada dos noditas; e elas constituíram os primórdios da poderosa raça andita. As crianças nasceram e foram criadas nos ambientes tribais das suas respectivas mães.

5. A Morte de Adão e Eva

76:5.1 (851.7) Não muito depois do estabelecimento do segundo Éden, Adão e Eva foram devidamente informados de que o arrependimento deles havia sido aceito e que, embora estivessem condenados a sofrer o destino dos mortais do seu mundo, eles deveriam certamente tornarem-se aptos para serem admitidos nas fileiras dos sobreviventes adormecidos de Urântia. Eles acreditaram plenamente nessa palavra de ressurreição e de reabilitação, que os Melquisedeqes, de um modo tão tocante, proclamaram a eles. A sua transgressão havia sido um erro de julgamento e não um pecado de rebelião consciente e deliberada.

76:5.2 (852.1) Adão e Eva, como cidadãos de Jerusém, não possuíam Ajustadores do Pensamento, nem eram resididos por Ajustadores quando funcionaram em Urântia, no primeiro jardim. Todavia, pouco depois da sua redução ao status de mortais, eles tornaram-se conscientes de uma nova presença dentro deles e despertaram para a compreensão de que o status humano, combinado com o arrependimento sincero, havia tornado possível aos Ajustadores residir neles. Foi esse conhecimento, o de serem resididos pelos Ajustadores, que, em grande parte, animou a Adão e Eva durante o restante das suas vidas; eles sabiam que haviam falhado como Filhos Materiais de Satânia, mas sabiam também que a carreira do Paraíso ainda estava aberta para eles, como filhos ascendentes do universo.

76:5.3 (852.2)

Adão sabia sobre a ressurreição dispensacional que ocorrera simultaneamente com a sua chegada no planeta, e acreditava que a sua companheira e ele, provavelmente, iriam ser repersonalizados quando da vinda de uma nova ordem de filiação. Ele não sabia que Michael, o soberano desse universo, devia muito em breve aparecer em Urântia; e acreditava que o próximo Filho a chegar fosse da ordem Avonal. Mesmo assim, e apesar de que ser um tanto difícil que compreendessem, foi sempre um conforto para Adão e Eva meditarem sobre a única mensagem pessoal que eles receberam de Michael. Essa mensagem, entre outras expressões de amizade e de conforto, dizia: “Eu considere as circunstâncias da vossa falta, lembrei-me do desejo dos vossos corações, de serem sempre leais à vontade do meu Pai, e vós sereis chamados do abraço do sono mortal, quando eu vier a Urântia, caso os Filhos subordinados do meu Reino não vos buscarem antes dessa época”.

76:5.4 (852.3)

E isso se constituiu em um grande mistério para Adão e Eva. Eles puderam compreender a promessa velada de uma possível ressurreição especial nessa mensagem, e essa possibilidade animou-os consideravelmente; todavia, eles não podiam captar o significado da notificação de que eles descansariam até o momento de uma ressurreição associada à vinda pessoal de Michael a Urântia. E assim, o par Edênico proclamou sempre que um Filho de Deus viria, em algum tempo, e transmitiu aos seus entes queridos a crença, ou, ao menos, a esperança ardente, de que o mundo dos seus desatinos e tristezas poderia possivelmente ser o reino em que o governante desse universo iria escolher para exercer a função de Filho auto-

outorgado do Paraíso. Parecia bom demais para ser verdade, mas Adão alimentou o pensamento de que a Urântia transtornada pelas lutas poderia, afinal, vir a ser o mundo mais afortunado do sistema de Satânia, o planeta invejado por todo o Nébadon.

76:5.5 (852.4) Adão viveu 530 anos; morreu do que se poderia chamar de velhice. O seu mecanismo físico simplesmente desgastou-se; o processo de desintegração gradualmente venceu o processo de reposição, e veio o fim inevitável. Eva morrera dezenove anos antes, por causa de um coração enfraquecido. Ambos foram enterrados no centro do templo do serviço divino, que havia sido construído de acordo com os seus planos, logo depois de haver sido completado o muro da colônia. E essa foi a origem da prática de enterrar os homens e mulheres notáveis e pios sob os pisos dos locais de adoração.

76:5.6 (852.5) O governo supramaterial de Urântia, sob a direção dos Melquisedeques, continuou, mas o contato físico direto com as raças evolucionárias havia sido rompido. Desde os dias longínquos da chegada dos assessores corpóreos do Príncipe Planetário, até os tempos de Van e Amadon, e depois, até a chegada de Adão e Eva, representantes físicos do governo do universo tinham estado sediados no planeta. Todavia, com a falta Adâmica, esse regime, que se estendeu durante um período de mais de quatrocentos e cinquenta mil anos, chegou ao fim. Nos âmbitos espirituais, os ajudantes angélicos continuaram a lutar em conjunção com os Ajustadores do Pensamento, trabalhando ambos heroicamente para a salvação do

indivíduo; mas nenhum plano abrangente para o bem-estar mundial, de longo alcance, foi promulgado, para os mortais da Terra, até a chegada, nos tempos de Abraão e de Maquiventa Melquisedeque, o qual, com o poder, paciência e autoridade de um Filho de Deus, lançou as fundações para uma nova elevação e uma reabilitação espiritual da desafortunada Urântia.

76:5.7 (853.1) O infortúnio, contudo, não foi o único destino de Urântia; este planeta foi também o mais afortunado no universo local de Nébadon. Os urantianos deveriam considerar tudo isso, afinal, como um benefício, pois, se os erros dos seus ancestrais e as faltas dos seus primeiros governantes mundiais mergulharam o planeta em um estado de confusão sem esperança, deixando-o ainda mais confundido e em meio ao mal e ao pecado, foi esse mesmo passado de obscuridade que serviria de apelo a Michael de Nébadon e, de um tal modo, que o fez escolher este mundo como a arena onde revelaria a personalidade amorosa do Pai nos céus. Não que Urântia necessitasse de um Filho Criador para colocar em ordem os seus assuntos embaraçados; mas antes porque o mal e o pecado, em Urântia, proporcionariam ao Filho Criador um panorama de fundo mais contrastante contra o qual revelar o incomparável amor, a misericórdia e a paciência do Pai do Paraíso.

6. A Sobrevivência de Adão e Eva

76:6.1 (853.2)

Adão e Eva entraram no seu descanso mortal com uma forte fé nas promessas feitas pelos Melquisedeqes de que eles iriam, em algum tempo, despertar do sono da morte, para reassumir a vida nos mundos das mansões, tão familiares a eles, desde os dias que precederam à sua missão na carne material da raça violeta em Urântia.

76:6.2 (853.3)

Eles não permaneceram por muito tempo descansando no esquecimento do sono inconsciente dos mortais do reino. Ao terceiro dia, depois da morte de Adão, o segundo depois do seu enterro reverente, as ordens de Lanaforge, confirmadas pelos Altíssimos em exercício de Edêntia e ratificadas pelos Uniões dos Dias em Sálvington, agindo em nome de Michael, foram colocadas nas mãos de Gabriel, comandando que se fizesse o chamado especial dos distinguidos sobreviventes da falta Adâmica em Urântia. E, de acordo com esse mandado de ressurreição especial, o de número vinte e seis da série de Urântia, Adão e Eva foram repersonalizados e reconstituídos nas salas de ressurreição dos mundos das mansões de Satânia, junto com 1 316 dos seus companheiros de experiência do primeiro Jardim. Muitas outras almas leais já haviam sido transladadas à época da chegada de Adão, que foi acompanhada por um julgamento dispensacional, tanto dos sobreviventes adormecidos, quanto dos seres ascendentes qualificados vivos.

76:6.3 (853.4)

Adão e Eva passaram rapidamente pelos mundos de ascensão progressiva até alcançarem a cidadania de Jerusém para, uma vez mais, serem residentes do planeta da sua origem, mas, desta

vez, como membros de uma ordem diferente de personalidades do universo. Eles deixaram Jerusém como cidadãos permanentes — Filhos de Deus — e voltaram como cidadãos ascendentes — filhos do homem. E foram imediatamente designados para o serviço a Urântia, na capital do sistema e, mais tarde, foi atribuída a eles a condição de membros entre os vinte e quatro conselheiros que constituem o corpo atual de controle consultor de Urântia.

76:6.4 (854.1) E assim termina a história do Adão e da Eva Planetários de Urântia, uma história de provações, tragédia e triunfo; um triunfo ao menos pessoal, para os vossos bem-intencionados, mas iludidos, Filho e Filha Materiais; indubitavelmente uma história de triunfo final para o mundo deles e para os seus habitantes abalados pela rebelião e assaltados pelo mal. Considerando-se tudo isso, Adão e Eva deram uma contribuição poderosa para acelerar a civilização e para o progresso biológico da raça humana. Eles deixaram uma grande cultura na Terra, mas não foi possível que uma civilização, de tal modo avançada, sobrevivesse, por causa da diluição prematura e do desaparecimento ulterior da herança Adâmica. É o povo que faz uma civilização; a civilização não faz o povo.

76:6.5 (854.2) [Apresentado por Solônia, a seráfica “voz do Jardim”.]